

CORPOS BLINDADOS: A DESCONSTRUÇÃO DE GÊNERO NO FISICULTURISMO FEMININO

ARMORED BODIES: THE DECONSTRUCTION OF GENDER IN FEMALE BODYBUILDING CULTURE

Resumo

Analisamos algumas representações de corpo presentes em matérias sobre o fisiculturismo feminino. As teorias feministas foram utilizadas como fundamento para discutir a construção da corporeidade e da divisão binária. A análise de discurso foi o instrumento metodológico utilizado para estudar as matérias selecionadas. Nossas fontes foram: o *Jornal da Musculação & Fitness* e o site de fisiculturismo: *female muscle show*. Os materiais apontam para as desigualdades de gênero o que nos leva a deduzir que o fisiculturismo feminino é um *locus* privilegiado de resistência aos modelos hegemônicos de corpo.

Palavras-chave: Gênero. Corpo. Fisiculturismo.

Abstract

We analyzed representations of the body present in feminine bodybuilding materials. Feminist theories were used as ground to discuss the construction of the concepts of corporeity and binary division. Discourse analysis was used as the methodological instrument to study the selected materials. Our sources were: '*Jornal da Musculação & Fitness*', and the bodybuilding site: *female muscle show*. The materials pointed out gender inequalities, which led us to deduce that feminine bodybuilding is a privileged locus of resistance against the hegemonic body standards.

Key works: Gender. Body. Bodybuilding.

Patrícia Lessa

Professora da Universidade Estadual de Maringá, Paraná. email: mafalda_cat@yahoo.com.br

Introdução



Fig. 1 FONTE: Arquivo pessoal da Atleta Larissa Cunha

A imagem acima¹ sugere a inversão de algumas evidências, tais como: as mulheres são frágeis, não possuem muscularidade evidente, músculos são para os homens. A imagem é desconstrutora na medida em que desmente as verdades construídas pela imbricação de corpo e gênero. O corpo é construído por tecnologias. Para Lauretis (1994), são tecnologias de gênero que moldam os corpos em homens e mulheres. Assim, temos o corpo do preso, o corpo

¹ A foto da Atleta Paranaense Larissa Cunha, foi cedida pela mesma para nossa pesquisa: 'Larissa Cunha: memórias de um corpo em construção', na qual utilizamos técnicas da história de vida para traçar um paralelo entre a história do fisiculturismo feminino no Brasil e a trajetória da Atleta, que é *Miss Universe*, campeã Mundial na Inglaterra, vice-campeã Mundial na Espanha e campeã Sul-Americana e brasileira (Larissa, 2011). Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética CAAE 0023.0.093.000-09, em 18/02/2009. Foto capturada por Patrícia Lessa no Mundial, em Malta, no ano de 2010.

materno ou o corpo feminino. Mas, como o corpo se torna o que é? Pela cristalização de uma identidade forjada no social? Foucault (1987: 121), em *Vigiar e Punir*, ao falar do corpo disciplinado, aponta uma série de dispositivos e de meios para a docilização dos corpos na modernidade: a escola dociliza o corpo das crianças, o hospital submete o corpo do doente, a prisão domestica o corpo do detento, as tecnologias de gênero criam os corpos sexuados. E os esportes são potentes armas para as tecnologias de gênero². O corpo é, dessa forma, um local de dominação e de poder, mas, também, de desafio, de resistência e de rebeldia. As teóricas do feminismo problematizaram e historicizaram o corpo de um modo sem precedentes na história do ocidente:

O corpo é construído. A marcação que sobre ele se executa é cotidiana; supõe investimento, intervenção. (...) Processos que estão articulados aos inúmeros discursos que circulam numa sociedade e que podem ser compreendidos como pedagogias voltadas à produção dos corpos. É inevitável fazer face a essa diversidade de sujeitos e de práticas. É indispensável encará-la como constituinte do nosso tempo. (...) Um tempo em que a diferença se multiplicou. Um tempo em que a verdade é plural (Louro, 2012, *online*).

Veyne (1998) se refere às 'evidências' que naturalizam os objetos, fazem deles entidades históricas, velando os mecanismos de sua construção. O 'fato histórico', nessa perspectiva, surge a partir de escolhas e de recortes cuja importância depende do/a analista em suas próprias condições de possibilidade e de imaginação, porém, é apresentado como um dado, uma evidência. "Destruir as evidências", recomendava Foucault (2001: 61). Veyne (1998: 248) nomeia provisoriamente, como 'parte oculta do *iceberg*', a prática, ou seja, as práticas sociais articuladas e instituídas pelos discursos e representações, aquilo que as pessoas fazem em seu cotidiano, diferentes das 'grandes noções eternas' como: a Democracia, o Estado ou a Razão. Ele acrescenta, ainda, que "os objetos parecem determinar nossa conduta, mas,

² Terese de Lauretis (1994).

primeiramente, nossa prática determina esses objetos” (Veyne, 1998: 249).

Foucault (1993) propôs criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos são transformados em sujeitos. E, nessa sua formulação, o discurso ocupa lugar privilegiado, é entendido como ação em contextos históricos, culturais e institucionais específicos, que dá sentido às práticas sociais e que constrói o mundo à nossa volta, o outro e nós mesmos. Em outras palavras, as teias de significados, que circulam no mundo, são construídas socialmente via linguagem em circunstâncias históricas e culturais específicas. Se todo discurso é ação, ele é instituidor do real, já que expressa os valores e as representações que circulam socialmente, na grade interpretativa da realidade que cria condições de possibilidade para transformações ou apenas reiterações de relação e de práticas sociais, visto que os sujeitos agem no mundo via linguagem, de acordo com seus valores, crenças e interesses (Spink, 2000: 55).

A emergência dos feminismos, como um marco epistemológico e político, possibilitou-nos pensar na instituição e na articulação sexuada, hierárquica e assimétrica da sociedade, sociedade polarizada em opostos, como a verdade e o erro, a lucidez e a loucura, o macho e a fêmea. Essa organização binária do social toma um pólo como parâmetro para pensar seu “oposto”. “A mulher”, pensada como oposto complementar ao homem, foi nomeada como ser natural, passiva, sensível e frágil (Navarro-Swain, 2000: 50). Com o par binário – o homem e a mulher – delimitam-se, nas práticas sociais, os papéis de verdadeiro homem e verdadeira mulher e, dessa forma, a tolerância às práticas corporais diversas ficam na dependência do grau de hegemonia dos papéis sociais de gênero que delimitam territórios corporais como masculino e feminino. Segundo a autora, a assimetria nas relações é também histórica, é datada, pois nada nos autoriza a pensar que todas as sociedades, tempos e culturas imaginaram as mulheres como

frágeis e dóceis criaturas (Navarro-Swain, 2000). No universo desportivo essa delimitação torna-se uma limitação haja vista que a passividade, a fragilidade e a sensibilidade são atributos contrários às exigências de força, coragem e determinação exigidas pela performance atlética.

Os feminismos, no plural, servem como marca de um movimento ou de uma teoria que não é unívoca, visto que, em suas diferentes expressões, apontam para os mecanismos de construção da relação binária, da naturalização dos corpos, não mais entendidos como dados biológicos imutáveis, mas marcados pela história e pelos sentidos que o social lhes imprime. O corpo como uma construção social é então modelado à mercê do disciplinamento, da docilização, da domesticação, do assujeitamento, mas igualmente expressão de resistência às injunções do social. No fisiculturismo feminino, estas relações de força se mostram claramente, pois o espaço da construção de muscularidade no corpo é um espaço tradicionalmente ocupado pelos homens. Diz Jaeger (2007: 135): “o investimento na potencialização muscular constitui o mundo masculino”. Por isso, a perspectiva dos estudos feministas aponta caminhos para as pesquisas interessadas na relação de corpo e gênero nos esportes. A produção teórica e conceitual sobre a desnaturalização dos corpos, sobre a performatividade dos gêneros e sobre a sexualização das identidades foi (e ainda é) central para os debates feministas, pois se refere ao aparato conceitual que aprisiona as mulheres ao seu corpo biológico. Os estudos feministas atravessam as várias áreas do conhecimento e são crescentes na área da Educação Física e Esportes.

Em nossa reflexão, trabalhamos com os discursos produzidos sobre as fisiculturistas. Por meio das fontes selecionadas, investigamos as representações e as autorrepresentações que conferem materialidade aos sujeitos representados ou autorrepresentados nas matérias e entrevistas. As fontes selecionadas foram as matérias divulgadas no *site femele muscle*

show e no *Jornal da Musculação & Fitness*, que é uma revista nacional, especializada na divulgação de eventos e acontecimentos do fisiculturismo no Brasil. Nos discursos produzidos, procuramos os valores e as representações sociais, cujos efeitos de sentido traduzem as experiências que as constituem. A história ou as memórias das fisiculturistas ainda estão por serem narradas. Buscamos uma história feminista das mulheres, e, nesta perspectiva teórica, procuramos desvendar no social os mecanismos que ordenam as relações humanas em termos de sexo biológico e de práticas corporais, em torno de materialidades constituídas à margem do sistema de hegemônico. Os marcos metodológicos para atingir tais objetivos serão explicitados a seguir.

O discurso e a verdade do sexo

O discurso, para Foucault (2001), não é somente o que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas também aquilo pelo que se luta, o poder do qual queremos nos assenorear, pois, para ele, “em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos” (Foucault, 2001: 08-09).

O discurso, como mantenedor do poder, cria procedimentos de exclusão, como a restrição da palavra autorizada, a delimitação da norma e a rejeição de enunciados e de práticas nas margens das verdades estabelecidas pelo social (Foucault, 2001). O sistema social é então ordenado pelo discurso e por suas práticas. Ordenar a sociedade tem um significado de enquadramento, e aqueles que não se enquadram nos modos vigentes de um determinado sistema social se tornam marginais, vivendo à margem da sociedade e do discurso social. Suas falas são representadas pelo perigo e pelo afrontamento às normas. Orlandi (1993), entretanto, aponta para o discurso como movimento, porque, a qualquer momento, o discurso

das ‘margens’ pode ser reapropriado pelo discurso social e ressemantizado. Não se pode estar fora do discurso tanto quanto não se pode estar fora da história (Orlandi, 1993). A organização discursiva no social também apresenta mecanismos de seleção entre o que pode e o que não pode ser dito, o que é verdadeiro ou falso. Para a autora, o discurso é palavra em movimento: “a palavra discurso etimologicamente tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se a *humanidade* falando” (Orlandi, 2003: 15).

Dessa forma, para cada época, para cada sociedade, existem práticas discursivas que fornecem os indícios de uma determinada realidade, mediados por problematização e instrumentais teóricos específicos. Nessa perspectiva, trazer à luz os discursos e as práticas das fisiculturistas é um acontecimento, é a genealogia *foucaultiana* em ação, que registra a irrupção de saberes e de práticas silenciadas e/ou negadas. A história das certezas, das evidências, das visões totalizadoras do mundo, confronta-se com a “força imaginativa” que nos “permite adentrar regiões desconhecidas apesar dos moldes das representações sociais em que somos construídas, ensinadas, preparadas para repetir e (re)instituir uma realidade solidificada em cânones interpretativos” (Navarro-Swain, 1994: 166). Essas ‘regiões desconhecidas’ são territórios do fazer feminista, segundo Navarro-Swain (2000: 22-23),

Séculos de história apagaram as mulheres da ação no mundo. Quantas e inumeráveis rainhas, sacerdotisas e outras personalidades não foram transformadas em homens na tradução de seus nomes? Como se espantar diante do muro de silêncio a respeito de grupos que desmentiam a naturalização de papéis masculinos e femininos?

A história, nessa perspectiva, está atenta aos discursos e às vozes sociais apagados pela história das certezas. Assim sendo, questionamos, interrogamos e

interpretamos, dentro do possível, as representações e a experiência vivida por fisiculturistas na mídia contemporânea. A análise do discurso será o instrumento usado na busca de indícios do real presente nesse determinado tempo-espço.

O esporte, como uma instituição ancorada em valores dominantes, é um frutífero campo para o estudo da corporeidade feminina, pois muitas práticas foram e ainda são interdadas às mulheres. A crença na vulnerabilidade biológica e na fragilidade inata deixou as mulheres fora de muitos eventos desportivos (Devide & Votre, 2005). Os estudos feministas e estudos de gênero nos esportes crescem à medida que se torna importante questionar as representações generificadas. Fragilidade, vulnerabilidade e passividade são características totalmente desfavoráveis à exigência da performance atlética, e tanto as mulheres quanto os homens devem extrapolar suas capacidades físicas. Os esportes como outros fenômenos sociais são cheios de hierarquias. Uma distinção entre os gêneros é feita, e nessa diferença as mulheres levam a pior: falta de investimentos, falta de campeonatos e falta de patrocínios são exemplos das diferenças. O exemplo do *Mister Olympia*³ de 1987 é exemplar. Neste evento, Cory Everson mais uma vez sagrou-se campeã e levou o prêmio de US\$ 25.000. Naquela mesma competição, na categoria masculina, Lee Haney ganhou o prêmio de US\$ 55.000 pelo primeiro lugar (Cory, 1987). O prêmio masculino foi mais que o dobro do valor da premiação feminina. Perguntamos: o trabalho, o desgaste, os investimentos são diferentes para homens e mulheres? Por que ela ganhou menos da metade do valor do prêmio pago a Lee Haney? Teve menos trabalho para conquistar o primeiro lugar? Não, o trabalho é igual para homens e mulheres, as relações de gênero é que são desiguais.

O fisiculturismo é um dos esportes que as mulheres

encontraram certa resistência. As praticantes de esportes como ciclismo, halterofilismo, futebol e lutas de todo gênero carregaram o estigma de praticarem ‘esportes masculinos’ como era vigente no Decreto Lei nº 3.199/CND (Devide & Votre, 2005; Romero, 1997). No universo dos esportes, como em outras esferas sociais, os avanços são, muitas vezes, intercalados com retrocessos. O caso das competições femininas de musculação é ilustrativo, depois de um longo tempo de evolução, elas recebem um boicote. A *International Federation of BodyBuilding* (IFBB) divulgou que atletas de todas as categorias “devem reduzir a sua massa muscular em 20% do estágio individual atual” (Jornal da musculação & *Fitness*, 2005), com o argumento de perda da feminilidade. A musculação foi um dos esportes em que houve uma grande resistência à participação feminina, que, muito depois dos homens pode ser inserida em campeonatos como halterofilismo e fisiculturismo. Além disso, a utilização da musculação nos programas de treinamento das atletas, também, se deu mais tarde, em função da crença que as mulheres eram incapazes de realizar atividades que exigissem grande força física. Gianolla (2003: 254) fala da musculação:

De alguns anos para cá se tem a impressão de que há uma tendência internacional para desvalorizar a musculação feminina, pelo fato de não atrair tanto o público e patrocinadores. Dizem que o *fitness* foi criado numa tentativa de substituir a musculação feminina, mas, se isso é verdade ou não, não sabemos. A imagem da musculação feminina se desgastou, pois as mulheres estão se tornando muito grandes e, socialmente, parece que isso não é bem aceito.

Nos primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna, em Atenas (1896), as mulheres não podiam competir. Sua inserção nas competições internacionais foi dando-se gradativamente, e mais lentamente naqueles esportes considerados masculinos, como: as lutas, o halterofilismo, o fisiculturismo e o futebol.

³ Mister Olympia é uma das maiores competições do fisiculturismo internacional. A Federação Internacional de Culturismo e *Fitness* (IFBB) é uma das confederações que organiza as competições internacionais e está sediada nos Estados Unidos da América e sua mais importante competição é o *Mister Olympia*.

Entre músculos e brilhos: histórias de resistência

O fisiculturismo é o esporte que tem como objetivo aumentar a massa muscular ao máximo. As competições avaliam a massa muscular, a densidade, vascularidade e textura da pele, dentre outros aspectos. O fisiculturismo, também denominado culturismo *ou bodybuilding* feminino teve início oficialmente nos anos setenta quando as mulheres passam a participar em competições organizadas pelas federações. As Federações mais conhecidas e com maior número de filiações eram e permanecem sendo: Associação Nacional *Bodybuilders* Amador (NABBA), IFBB e *National Physique Committee* (NPC) (Gianolla, 2005).

Competições destinadas à musculação feminina remontam aos anos sessenta, como o *Miss Physique* e *Miss Americana*. O primeiro *U.S. Women's National Physique Championship* foi realizado em Cantão, Ohio, em 1978, e é geralmente considerado como o primeiro campeonato de *bodybuilding* feminino, pois, foi a primeira competição em que as atletas foram julgadas pela muscularidade (Todd, 2006). As competições começaram a aparecer em 1979. Algumas destas eram as seguintes: o segundo *U.S. Women's National Physique Championship*, ganho por Kay Baxter; o primeiro campeonato feminino da IFBB *Women's World Body Building Championship*, de 16 de julho, conquistado por Lisa Lyon; *The Best In The World contest*, ganho por Patsy Chapman. Estas competições geralmente eram realizadas por promotores independentes. Ainda faltava um corpo administrativo e o investimento das federações, situação que mudou em 1980 (Todd, 2006).

O NPC financiou as primeiras competições nacionais das mulheres, em 1980, nos Estados Unidos. Laura Combes ganhou a competição inaugural. E, em 1980, foi o ano do primeiro *Ms. Olympia*, na Inglaterra, a competição mais prestigiada para profissionais da área. A primeira vencedora foi Rachel McLish que,

também, ganhou o Campeonato do NPC, nos EUA, durante o mesmo ano. Essa competição marca um momento decisivo para o fisiculturismo feminino (Todd, 2006).

Dentre as fisiculturistas mais conhecidas dos anos 80 citamos: Rachel McLish, Kike Elomaa, Carla Dunlap e Cory Everson. Durante este período, o fisiculturismo feminino começou a alcançar uma maior divulgação. A atleta Anita Gandol foi a primeira fisiculturista a ter pousado para a revista *Playboy*, durante os anos 1980. Sua atitude, porém, lhe custou uma suspensão de um ano do IFBB. Erica Mes, uma competidora holandesa, a seguiu fazendo a mesma coisa. O esporte começou a ganhar visibilidade e logo foi incorporado pelo sistema de dominação masculino. E em seguida, Lori Bowen, vencedora dos *Pro World's* de 1984, apareceu em um comercial de TV para a empresa *Miller Lite*. Em 1985, o filme chamado "*Pumping Iron II: The Women*" foi liberado. Nele está documentada a preparação de várias atletas para a competição *Caesars Palace World Cup Championship* de 1983, e são mostradas competidoras importantes como Kris Alexander, Lori Bowen, Lydia Cheng, Carla Dunlap, Bev Francis e Rachel McLish. Francis era uma competidora de *powerlifter* (levantamentos básicos de peso), que fez uma transição próspera e rápida para o *bodybuilding*, e se tornou uma das mais conhecidas competidoras do fim dos anos 1980 e início dos anos noventa. Durante vários anos na década de 1980, a televisão aberta norte-americana divulgou ao vivo o *Ms. Olympia* no programa do *Sportsworld* (O Mundo dos Esportes). Foi uma época de expansão do fisiculturismo feminino, com uma ampla difusão na mídia.

Dos anos 80 até a década de 90 muita coisa mudou: a nutrição esportiva, a suplementação, os modelos de treinamento, os ergogenicos, enfim, as ciências que amparam o treinamento desportivo mudaram muito em questão de décadas. Se compararmos as atletas dos anos 80, como Cory e McLish, com as atletas dos anos subsequentes teremos o resultado das mudanças

a ‘olho nú’. Lenda Murray, em 1990, acabou com o império de Cory que durou 6 primeiras colocações no *Olympia*. Lenda Murray, muito maior, com mais muscularidade, ficou sendo a fisiculturista com mais prêmios no *Miss Olympia: 7 primeiros lugares (Miss olympia gallery, 2008)*. Uma mudança que veio sacudir este esporte e, que, hoje se traduz na medida drástica tomada pelas federações de solicitação da redução da massa magra para mulheres de todas as categorias. Com a pressão para que as mulheres reduzam a massa muscular, começam a aparecer categorias novas, tal como *miss biquini*, e assim, as grandes fisiculturistas são expurgadas das competições nacionais para agradar os olhares masculinos, como verificamos na matéria, divulgando a solicitação de redução do volume muscular nas categorias femininas (*Jornal da Musculação & Fitness, 2005*).

Indícios de resistências: as falas das *bodybuilders* na mídia

Estas mudanças no seio das federações que organizam as competições traduzem expectativas sociais com relação às mulheres e sua forma física. As matérias que apresento a seguir discutem o olhar do senso comum dirigido para estas atletas. ‘Delicada ... *pero no mucho!*’ escrito por Cecília Guedes, cita Danuza Ruiz Marques, que “começou a colecionar músculos aos 14 anos”, o trecho selecionado sugere que o corpo de Danuza equivale a um objeto colacionável. A matriz de sentido expressa no título provoca uma polarização entre ser e não ser delicada, delicada, mas não muito, ou seja, não é delicado ser como Danuza, seus músculos fortes lhe colocam no lugar de não pertencimento a este adjetivo feminino (*Femalemuscleshow, 2006*).

A matéria inicia com a pergunta dirigida aos leitores: “você consegue imaginar uma linda representante do ‘sexo frágil’ capaz de erguer 250kg com a força de suas coxas?”. Os mais de quarenta anos de debates feministas não foram suficientes

para a repórter definir seu gênero como ‘sexo frágil’, fragilidade, docilidade e fraqueza foram por longo tempo atributo femininos ditos da natureza feminina e ainda com as feministas da primeira vaga discutidos e questionados pela definição do sexo em natureza. A matéria reforça o mito da fragilidade inata realocando as mulheres no segundo sexo.

A construção da feminilidade é expressa na imagem da mulher submissa, frágil, passiva, que se embeleza para atrair os homens. Essa imagem foi amplamente trabalhada pelos aparelhos: médico, jurídico e psiquiátrico, com o apoio dos discursos científicos. As teorias dos esportes, por longo tempo, buscaram seus fundamentos nas teses da ‘naturalização’ da fêmea como ser exclusivamente procriador para elaborar seus programas de treinamento e exercício físico para mulheres, utilizando-se da biologia e da medicina desportiva, que exigia moderação sob o pretexto de preservar a saúde das mulheres (Lessa & Oshita, 2007).

Por que tanta falta de investimentos nas práticas desportivas femininas? Existe uma tradição de controle sobre o corpo e o comportamento das mulheres, de um imaginário coletivo no qual a passividade, o sacrifício, a submissão e a maternidade seriam dons privilegiados das mulheres, dons esses que não combinam com a performance exigida pelas práticas esportivas. A matriz de sentido que define o tipo de atividade que as mulheres poderão realizar se dá em função de um conjunto articulado de saberes biomédicos que cria o local da maternidade como o objetivo central na vida das mulheres (Lessa & Oshita, 2007).

A perspectiva de análise feminista ou a epistemologia feminista (Haraway, 1994) tematiza a desconstrução do natural e do biológico. A construção da feminilidade é histórica, ou seja, é uma construção social que divide o mundo em dois sexos: mulheres e homens. Sendo as primeiras frágeis e dóceis e os segundos fortes e dominadores, segundo Pfister (2006):

Excluir as mulheres de sua própria história é, em muitos aspectos, um instrumento de discriminação. Neste sentido, a negação coletiva da história das mulheres e sua cultura física constituem discriminação, desde que a impressão que se passa é de que as mulheres – por natureza – são seres que não participam da história e cujas condições de vida nunca mudam. As mulheres são, dessa forma, privadas de qualquer possibilidade de identificação, o que dificulta a formação e a manutenção de uma identidade individual e coletiva. Essa afirmativa é especialmente verdadeira na história do esporte, em que ídolos masculinos predominam.

A participação feminina nos esportes é cheia de proibições, mas também, de lutas e resistências. Em diferentes épocas e culturas, encontramos indícios de práticas desportivas e de treinamento de lutas armadas realizadas por mulheres. Na Antiguidade, em Esparta, essas práticas eram constantes. Não podemos dizer o mesmo de Atenas, onde os esportes eram práticas masculinas e proibitivas para as mulheres. Paul Foucart cita os jogos de Haloá, uma espécie de Olimpíadas, das quais somente as mulheres participavam (Navarro-Swain, 2000).

A reportagem que conta uma história de Danuza remete à tensão entre o social e as expectativas da atleta que, ao escolher o fisiculturismo, carrega as marcas da resistência, como no caso seguinte. “Adoro ver o Bíceps crescendo”, foi uma matéria escrita por Silvia Rugar e divulgada na revista *Veja*. A matéria conta a história de Ana Claudia, ex-surfista carioca, que optou por seguir a carreira de fisiculturista, diz a matéria: ela “cultiva medidas de fazer inveja a muitos super-heróis” (*Femalemuscleshow*, 2006). Maior que a média dos homens não-atletas dessa modalidade esportiva, a matéria não foge das comparações das quais masculino e feminino são confrontados e, assombrosamente, apresentada uma mulher que deixa os lendários super-heróis com inveja. O interessante nesta matéria são os comentários de Ana Claudia. Ela diz que perdeu um namorado quando começou a crescer, ressaltando que levou 15 anos de treinamento para chegar ao tamanho atual (*Femalemuscleshow*, 2006). Outro destaque é para suas idas à praia, Ana

Claudia relata que é frequente o número de homens que a chamam de “Rambo” (*Femalemuscleshow*, 2006). Ícone da masculinidade, muscularidade e força física, Rambo, se torna um insulto, dito de outro modo: você deixou de ser mulher. Agora com estes músculos você é como os homens, não como nós, reles mortais, mas como Rambo, o gigante e másculo herói do cinema americano.

As condições do fisiculturismo, das competições, seguem uma reprodução de normas e valores sexistas. Existe uma avaliação generizada, enquanto os atletas masculinos são julgados por padrões objetivos, tais como a ‘muscularidade’ e ‘simetria’. As fisiculturistas tendem a ser julgadas por critérios subjetivos, como ‘feminilidade’ e ‘beleza’. Constantemente, são modificados os padrões de julgamento, porém estes são modificados e definidos por homens. As lideranças seguem o mesmo padrão de outros esportes, são compostas prioritariamente por homens (Hargreaves, 2000; Pfister, 2006). Além disso, outros problemas são enfrentados pelas fisiculturistas, este esporte é muito limitado para mulheres, o dinheiro da premiação para as mulheres é, frequentemente, o equivalente a um quarto, ou menos, do que é oferecido aos fisiculturistas masculinos. Premiação em menor valor e falta de patrocínio fazem parte da realidade deste esporte para as mulheres. Uma das matérias encontradas no site *Femalemuscleshow*, questiona esses critérios.

“Qual é o físico feminino perfeito?”, escrito por Sharon Welles (*Femalemuscleshow*, 2006), questiona os critérios de julgamento das modalidades de fisiculturismo feminino, enquanto os homens são avaliados por critérios objetivos como muscularidade, vascularidade e definição muscular, as mulheres são julgadas por critérios subjetivos como beleza, graça e feminilidade. A matéria faz um balanço das opiniões com relação ao tamanho ideal de musculatura para o gênero feminino, recaindo ao final da matéria no argumento que o uso indiscriminado de drogas anabólicas é o verdadeiro sentido para a impugnação

da participação feminina no *bodybuilding*. Mesmo sabendo que também os homens fazem uso destas drogas, os argumentos sugerem que a testosterona, hormônio mais utilizado como anabolizante, é natural ao corpo masculino por isso causa, supostamente, menos danos.

A criação da categoria *Figure* em 1986, pela NABBA, foi uma forma de pressionar a redução da massa muscular das mulheres. Hoje o fisiculturismo feminino é praticamente dividido nas categorias: *Figure*, *Fitness* e *Bodybuilding*, sendo este último já excluído de vários campeonatos internacionais conhecidos. Esta criação foi uma estratégia para criar categorias mais aceitas socialmente. Com a desculpa de manter a feminilidade das atletas, a NABBA criou a categoria *Figure* em 1986. O impacto visual é bem diferenciado de uma tradicional *bodybuilding*, pois a categoria prioriza uma definição muscular ‘sem exageros’, ou seja, denotando a prática da musculação, a definição das formas, a saliência dos músculos, porém sem hipertrofia máxima. Atletas brasileiras, como Simone Moura, Silvia Finocchi, Luciane Vieira, Andréia Carvalho, conquistaram títulos no *Miss Universe*⁴ na categoria *Figure*. Simone Moura é gaúcha, foi para os Estados Unidos da América, com sua irmã, atleta *Fitness*, treinar com Bob Gruskin, então, presidente da NABBA/USA. Ela é uma competidora *Figure*, na NABBA. Como ela, muitas atletas vão para os EUA ou países da Europa, onde o fisiculturismo é profissional, pois no Brasil ainda não foi alcançado este *status* de esporte profissional. Seu surgimento no cenário do fisiculturismo resultou em muitos conflitos, pois para alguns é um sinal de evolução: as mulheres ‘voltarem à feminilidade’. Enquanto que para os adeptos da

hipertrofia máxima é um retrocesso haja vista o tempo que as mulheres levaram para sua inserção nas federações e campeonatos. Vejamos os comentários no *site* da NABBA/Brasil:

O *FIGURE* está destinado a ter um brilhante futuro neste país de mulheres belas, que cultivam hábitos saudáveis e a perfeição do corpo. Nem hipertrofia excessiva, nem movimentos acrobáticos de extrema dificuldade; apenas uma FIGURA de mulher com sua beleza valorizada por todos os acessórios femininos de sua preferência, como saltos bem altos, muitos brilhos e muitas cores, cabelos longos, fio dental valorizando a musculatura dos glúteos, desfilando no palco sua consciência de mulher plena (Garcia, 2005, *online*).

O *fitness* é outra modalidade nas competições de musculação. Foi criada por Wally Boyko que, em 1989, fundou a NFSB (*Nacional Fitness Sanctioning Body*) e, em 1991, fundou a IFSB (*International Fitness Sanctioning Body*), ambas foram responsáveis pelo crescimento do *fitness* nos EUA e no mundo, pois organizam competições nos EUA e nos outros 27 países vinculados a elas até agora. Os primeiros campeonatos mundiais da modalidade foram o “*Ms. Fitness World*”, em Columbus, Ohio, nos Estados Unidos, e o “*Ms. Fitness Universe*”, em Monte Carlo, principado de Mônaco, em 09/11/94. O objetivo desta modalidade é escolher uma mulher com boa muscularidade, com formas proporcionais, moderadamente definida, com musculatura rígida, firme e com bom tom de pele, e que, apresente aptidão física com relação à força, flexibilidade, coordenação, ritmo e outras qualidades que são avaliadas em uma apresentação coreográfica com música (Gianolla, 2005).

A coreografia *fitness* é de aproximadamente 2 minutos, vale um terço da nota. Uma atleta que não apresente um bom corpo, embora realize uma boa apresentação de coreografia, não pode ser a melhor. Tanto as categorias *figure* como *fitness* são categorias que compõem os atuais campeonatos de musculação ou fisiculturismo.

Outra matéria sem título sugere que o

4 Importante competição internacional organizada por uma federação inglesa a NABBA. O *Mister Universe* é uma competição considerada a primeira internacional organizada por um corpo federativo. Tanto a federação inglesa como a norte-americana possuem federações nacionais regulamentadas no Brasil. Para a atleta chegar até as competições internacionais ela deve passar pelos campeonatos estaduais e nacionais e ficar classificada entre as três primeiras colocações.

bodybuilding feminino deveria ser chamado de ‘fisiculturismo unissex’, afinal mulheres e homens ficam ‘iguais’ (*Femalemuscle*show, 2006). O corpo é histórico. Quando o corpo começa a carregar o fardo da identidade fixa, se fixa ali uma imagem cristalizada no tempo e no espaço, cria-se uma representação social. A representação da mulher frágil e submissa serviu como forma de dominação patriarcal, e, como contrapartida da fragilidade, criou-se a representação da mulher virilizada, máscula e lésbica. A grande imprensa é responsável, em parte, pela veiculação dessas representações de feminino.

Considerações finais

Algumas federações aboliram as competições de *bodybuilding* feminino com o argumento de uso indiscriminado de anabólicos e esteróides por parte das atletas. Para alcançar o anabolismo total ou a hipertrofia muscular é necessário usar recursos farmacológicos, além de dieta controlada e suplementação alimentar. Nada que não esteja presente nas outras modalidades (Devide & Votre, 2005), porém o diferencial está na proporção muscular. As categorias *figure* e *fitness* exigem uma redução muscular bastante visível e assegura subjetivamente garantir a ‘feminilidade das atletas’ (Gianolla, 2005).

A matriz de sentido que define o tipo de modalidade que é aceita socialmente para as mulheres diz respeito ao conceito de feminilidade, sugerindo

que roupas, acessórios e maquiagem compõem a definição de feminino. Sabemos que os corpos se conformam às normas através da performatividade de gênero. Uma produção disciplinar de gênero permite que tanto homens como mulheres adquiram a dita feminilidade através de uma série de recursos, gestos e atos atribuídos ao gênero feminino (Butler, 2000). O excesso de muscularidade é um atributo masculino, por isso, o *bodybuilding* feminino é com frequência condenado.

O modelo hegemônico de corpo, representado pela divisão sexuada da sociedade, polarizada em masculino e feminino, reflete uma heteronormatividade apontada pela divisão binária do social e tematizada no quadro conceitual da epistemologia feminista contemporânea, que é a matriz dos estudos de gênero e dos estudos das mulheres, criados na década de 80, como estratégia metodológica. As representações de corpo feminino estão ancoradas em modelos de identidade generizados que, nem sempre, são condizentes com os atributos exigidos pelo esporte de rendimento. Embora a história das mulheres atletas demonstre a conquista de um lugar de destaque na instituição desportiva, quando falamos das mulheres praticantes de lutas, de futebol, de fisiculturismo ou de halterofilismo, existe um preconceito ainda hoje. Cada dia é um dia a mais para estas atletas buscarem seu lugar no mundo, e conseqüentemente, no universo dos esportes.

Referências

BUTLER, Judith. (2000). “Les genres en athlétisme: hyperbole ou dépassement de la dualité sexuelle?”. In.: *Cahiers du Genre: variation sur le corps*. n. 29, Paris: l’Harmattan, p. 21-35.

CORY, Outra Vez. (1987). *Músculos & Força*. a. II, n. 11, p. 38-40.

DEVIDE, Fabiano Pries & VOTRE, Sebastião. Josué. (2005). “Doping e Mulheres nos esportes”. In.: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 27, n. 1, p. 123-138, set.

- FEMALEMUSCLESHOW. (2006). *Reportagens sobre o Fisiculturismo feminino*. Disponível em: <<http://femalemuscleshow.forunsgratis.net/view-topic.php?f=1&t=5&sid=c786fb236cc656b740be35db17f13f0e>>. Acesso em: mar. 2006.
- FOUCAULT, Michel. (1987). *Arqueologia do saber*. 5.ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- _____. (2001). *A ordem do discurso*. 7. ed. São Paulo: Loyola.
- _____. (1993). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 11.ed. Rio de Janeiro: Graal.
- GARCIA, Anna Maria. (2005). *Figure no Brasil*. Disponível em: <<http://www.nabba.com.br/figure.asp>>. Acesso em: dez de 2005.
- GIANOLLA, Fabio. (2012). O *Fitness*. Disponível em: <http://www.nabba.com.br/historia_culturismo.asp>. Acesso em: jan. 2012.
- _____. (3003). *Musculação: conceitos básicos*. Barueri: São Paulo: Manole.
- GOELLNER, Silvana. (2004). “A inominável Sandwina e as obreiras da vida: silêncios e incentivos nas obras inaugurais de Fernando de Azevedo”. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Autores Associados: CBCE, v. 25, n. 2, p. 71-84, jan.
- GUEDES JÚNIOR, Dilmar Pinto. (2003). *Musculação: estética e saúde feminina*. São Paulo: Phorte.
- HARAWAY, Donna. (1994). “Um manifesto para os cyborgs: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80”. In.: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco.
- HARGREAVES, Jennifer. (2000). *Heroines of sport: the politics of difference and identity*. London: New York: Routledge.
- JAEGER, Angelita Alice. (2007). “Quando o músculo entra em cena: fragmentos históricos da potencialização muscular feminina”. In.: GOELLNER, Silvana V & JAEGER, Angelita. (orgs.) *Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, p. 133-148.
- JORNAL DA MUSCULAÇÃO & FITNESS. (2005) São Paulo, a. XI, n. 58, p. 18, mai/jun. 2005.
- LARISSA, Cunha. (2006). Disponível em : <<http://www.fisiculturismo.com.br/newsletters/novembro06.htm#LarissaCunha>>. Acesso em: nov. 2007.
- _____. (2011). Disponível em: <<http://www.larissacunha.com.br/>>. Acesso em: out. 2011.
- LAURETIS, Teresa de. (1994). “A Tecnologia do gênero”. In.: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco.
- LE GOFF, Jacques. (1984). “Documento/monumento”. In.: *Enciclopédia Einaudi*. v. 1, Memória-História. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 95-106.
- LESSA, Patrícia. (2005b). “Mulheres, corpo e esportes em uma perspectiva feminista”. *Motrivivência*. Florianópolis: editora UFSC, a. XVII, n. 24, p. 157-172, jun.
- _____. “Mulheres e esportes de força”. (2005a). In.: *Jornal da Musculação & Fitness*. São Paulo, a. X, n. 57, p. 60-64, mar/abr.
- _____. & OSHITA, Tais Akemi Dellai. (2007). “Bodybuilders ou Cyborgs? A reinvenção do corpo feminino”. *Anais do Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade: discutindo práticas educativas*. Porto Alegre: UFRGS, 16-18 mai. CD-Rom.
- LOURO, Guacira Lopes. (2003). “Corpos que escapam”. In.: *Labrys, estudos feministas*. n. 4, ago/dez. 2003. Disponível em: <<http://www.tanianavarrorswain.com.br/labrys/labrys4/textos/guacira1.htm>>. Acesso em: jan. 2012.

MISS OLYMPIA GALLERY. (2008). Disponível em: <<http://www.bodybuildbid.com/articles/msolympia/msolympgal.html>>. Acesso em: mar. 2008.

NAVARRO-SWAIN, Tânia. (1994). “Caminhos da História: identidade ou diferença?”. In.: *Revista Sociedade e Estado*. UnB, n.1/2, v. IX, p. 159-172, jan/dez.

_____. (2000). “A Invenção do corpo feminino ou a hora e a vez do nomadismo identitário”. In.: *Textos de História: Revista do Programa de Pós-Graduação em História: Feminismos, teorias e perspectivas*. UnB, v. 8, n. 1/2.

PFISTER, Gertrud. (2003). “Líderes femininas em organizações esportivas: tendências mundiais”. In.: *Movimento*. v. 9, n. 2, Porto Alegre, p. 11-35, mai./ago. 2003. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2802>>. Acesso em 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. (1993). *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 2. ed., Campinas: ed. UNICAMP.

_____. (2003). *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes.

ROMERO, Elaine (org). (1997). *Mulheres em movimento*. Vitória: EDUFES.

SPINK, Mary Jane (org.). (2000). *Práticas Discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. 2. ed, são Paulo: Cortez.

TODD, Jan. (2006). *The origins of weight training for female athletes in North América*. Disponível em: <<http://www.la84foundation.org/SportsLibrary/IGH/IGH0202/IGH0202c.pdf>>. Acesso em: mar. 2006.

VEYNE, Paul. (1998). *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. 4.ed, Brasília: editora UNB.